



Educação: entre teoria e prática

Volume III

Lucas Rodrigues Oliveira
Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo
Bruno Rodrigues de Oliveira
Organizadores



Pantanal Editora

2024

Lucas Rodrigues Oliveira
Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo
Bruno Rodrigues de Oliveira
Organizadores

Educação: entre teoria e prática
Volume III



Pantanal Editora

2024

Copyright© Pantanal Editora

Editor Chefe: Dr. Alan Mario Zuffo

Editores Executivos: Dr. Jorge González Aguilera e Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora. **Diagramação e Arte:** A editora. **Imagens de capa e contracapa:** Canva.com. **Revisão:** O(s) autor(es), organizador(es) e a editora.

Conselho Editorial

Grau acadêmico e Nome

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Profa. MSc. Adriana Flávia Neu
Profa. Dra. Allys Ferrer Dubois
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior
Profa. MSc. Aris Verdecia Peña
Profa. Arisleidis Chapman Verdecia
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva
Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo
Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu
Prof. Dr. Carlos Nick
Prof. Dr. Claudio Silveira Maia
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos
Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva
Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos
Prof. MSc. David Chacon Alvarez
Prof. Dr. Denis Silva Nogueira
Profa. Dra. Denise Silva Nogueira
Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão
Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves
Prof. Me. Ernane Rosa Martins
Prof. Dr. Fábio Steiner
Prof. Dr. Fabiano dos Santos Souza
Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez
Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles
Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira
Prof. MSc. Javier Revilla Armesto
Prof. MSc. João Camilo Sevilla
Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales
Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski
Prof. MSc. Lucas R. Oliveira
Prof. Dr. Luciano Façanha Marques
Profa. Dra. Keyla Christina Almeida Portela
Prof. Dr. Leandro Argentel-Martínez
Profa. MSc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann
Prof. MSc. Marcos Pisarski Júnior
Prof. Dr. Marcos Pereira dos Santos
Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla
Profa. MSc. Mary Jose Almeida Pereira
Profa. MSc. Núbia Flávia Oliveira Mendes
Profa. MSc. Nila Luciana Vilhena Madureira
Profa. Dra. Patrícia Maurer
Profa. Dra. Queila Pahim da Silva
Prof. Dr. Rafael Chapman Auty
Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke
Prof. Dr. Raphael Reis da Silva
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes
Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo (*In Memoriam*)
Profa. Dra. Sylvana Karla da Silva de Lemos Santos
MSc. Tayronne de Almeida Rodrigues
Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca
Prof. MSc. Wesclen Vilar Nogueira
Profa. Dra. Yilan Fung Boix
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

Instituição

OAB/PB
Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã
UO (Cuba)
IF SUDESTE MG
Facultad de Medicina (Cuba)
ISCM (Cuba)
UFESSPA
UEA
UNEMAT
UFV
AJES
UFGD
UEMS
IFPA
UNICENTRO
IFMT
UFMG
URCA
ISEPAM-FAETEC
IFG
UEMS
UFF
(Colômbia)
UNAM (Peru)
IFRR
UCG (México)
Rede Municipal de Niterói (RJ)
UNMSM (Peru)
UFMT
SED Mato Grosso do Sul
UEMA
IFPR
Tec-NM (México)
Consultório em Santa Maria
UFJF
UEG
FAQ
UNAM (Peru)
SEDUC/PA
IFB
IFPA
UNIPAMPA
IFB
UO (Cuba)
UFMS
UFPI
UFG
UEMA
IFB
UFPI
FURG
UO (Cuba)
UFT

Conselho Técnico Científico
- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

Catalogação na publicação
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

E24

Educação: entre teoria e prática - Volume III / Organização de Lucas Rodrigues Oliveira, Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo, Bruno Rodrigues de Oliveira. – Nova Xavantina-MT: Pantanal, 2024. 82p.

Livro em PDF

ISBN 978-65-85756-41-9

DOI <https://doi.org/10.46420/9786585756419>

1. Educação. I. Oliveira, Lucas Rodrigues (Organizador). II. Zuffo, Rosalina Eufrausino Lustosa (Organizadora). III. Oliveira, Bruno Rodrigues de (Organizador). IV. Título.

CDD 370

Índice para catálogo sistemático

I. Educação



Nossos e-books são de acesso público e gratuito e seu download e compartilhamento são permitidos, mas solicitamos que sejam dados os devidos créditos à Pantanal Editora e também aos organizadores e autores. Entretanto, não é permitida a utilização dos e-books para fins comerciais, exceto com autorização expressa dos autores com a concordância da Pantanal Editora.

Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br

Apresentação

O e-book “Educação entre Teoria e Prática - Volume III” apresenta uma coletânea de artigos que exploram as interfaces entre teoria e prática na educação contemporânea. A obra oferece uma visão abrangente dos desafios e oportunidades que moldam a educação, desde a educação a distância e a inteligência artificial até o multilateralismo e a formação de professores.

Os capítulos iniciais mergulham no universo da Educação a Distância (EaD), analisando os impactos da pandemia de COVID-19 e a crescente importância da inteligência artificial como ferramenta para personalizar o aprendizado. A obra também aborda a dimensão global da educação, discutindo o papel do multilateralismo na construção de um futuro mais justo e equitativo.

A formação de professores é outro tema central. Os capítulos dedicados a essa temática exploram as potencialidades das tecnologias digitais para a formação continuada de professores, bem como as implicações da história da matemática para o ensino de geometria. Estudos de caso demonstram como o binômio teoria e prática se revela em diferentes áreas do conhecimento, como a Educação Física e a Matemática.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a educação profissional são analisadas sob a perspectiva da prática e do desenvolvimento de competências. Um estudo de caso ilustra como uma escola pode implementar uma proposta pedagógica inovadora que integra a teoria e a prática.

O e-book também apresenta um levantamento sobre a formação continuada de professores no estado do Amazonas, evidenciando a importância das políticas públicas para garantir a qualificação dos profissionais da educação.

Este e-book é destinado a professores, pesquisadores, gestores educacionais, estudantes de graduação e pós-graduação em educação, e a todos aqueles que se interessam pelas novas tendências e desafios da educação. A obra contribui para o debate sobre as questões mais relevantes da educação contemporânea, oferecendo subsídios para a prática docente, a formulação de políticas públicas e o desenvolvimento de pesquisas na área.

Os organizadores

Sumário

| | |
|--|-----------|
| Apresentação | 4 |
| Capítulo 1 | 6 |
| Inteligência Artificial e Educação a Distância | 6 |
| Capítulo 2 | 11 |
| Educação, Sociedade e Multilateralismo | 11 |
| Chapter 3 | 20 |
| Teacher's mathematical work in quadrilateral teaching using digital technology and the history of mathematics | 20 |
| Capítulo 4 | 34 |
| Entre teoria e prática: pensando a formação em Educação Física e Matemática | 34 |
| Capítulo 5 | 48 |
| Quando a educação prioriza a prática e o desenvolvimento de competências: a inovação em um projeto pedagógico da educação básica | 48 |
| Capítulo 6 | 67 |
| Formação continuada de professores da Educação Básica do Amazonas à luz da Meta 16 do PNE | 67 |
| Índice Remissivo | 81 |
| Sobre os organizadores | 82 |

Educação, Sociedade e Multilateralismo

Recebido em: 19/07/2024

Aceito em: 24/08/2024

 10.46420/9786585756419cap2

Oscar Edgardo Navarro Escobar 

INTRODUÇÃO

O presente artigo é apenas um primeiro passo, um convite à reflexão de longo curso deste novo contexto que as sociedades estão passando, o multilateralismo já é uma realidade e, é um processo irreversível, isto é, a esfera de poder das potências ocidentais estão em pleno declínio contínuo em forças emergentes que apontam como objetivo principal um poder distribuído e equitativo, diferente do atual.

. A experiência social evidencia que este movimento se tornou uma urgente global, com uma diferença qualitativa em relação a outros tempos. Vê-se que a solução aos problemas reais está na defesa da unidade entre as nações sob um acordo multilateral, ou seja, pactua-se uma relação genuína que favoreça a construção de uma comunidade de futuro solidário e equitativo para todos aqueles que desejam integrar este novo movimento econômico, social, cultural, tecnológico, entre outros.

Outrora, as economias ocidentais colocavam seus próprios interesses acima das normas internacionais, por exemplo, usavam os organismos multinacionais para sua simetria e os descartava quando estes não serviam aos seus interesses e fins. Estas economias dominantes recorriam a ações para excluir e intimidar, aplicar sanções, desestabilizar internamente as políticas que regiam suas democracias, e ainda criar alianças de valores ideológicos contra países específicos. Essa forma de agir e de recorrer a práticas punitivas e excludentes, na sua essência, significava a perpetuação do campo econômico dominante e a subordinação dos países a este modelo político. Como resultado final foi a configuração de uma realidade eminentemente hostil e tóxica para as relações internacionais, totalmente contrário daquilo que deveria ser, um ambiente internacional de solidariedade e de cooperação. Portanto, o multilateralismo representa o oposto a essa prática social.

Portanto, o multilateralismo implica a abertura e a inclusão em lugar de fechamento e exclusão, há ênfase em respeitar acordos internacionais em lugar de procurar a supremacia; articula-se uma cooperação equitativa no desenvolvimento que integrem esse movimento, apontasse ao progresso social e tecnológico aos conjuntos dos membros que integrem o multilateralismo de modo a responder aos desafios globais. Diante deste quadro, pretendemos inserir a educação e seu papel fundamental neste processo. Eis o que se segue.

A SOCIABILIDADE HUMANA E SEU CONTEXTO

O homem é por natureza um animal racional escrevia Aristóteles no início de sua obra Política em 349 a.C., esta observação se relaciona à capacidade cognitiva que possuem os seres humanos frente ao mundo real e simbólico, certamente, o ser humano é o único na sua espécie que pode apreender o desaprender frente a seu cotidiano ou atividades produtivas, por isso, essa apreciação desse filósofo ainda é tão vigente em nossos dias.

Para conviver em grupo, é essencial compreender o significado da sociabilidade, que vai muito além do que parece a princípio. As áreas das ciências humanas nos oferecem uma compreensão abrangente e enriquecedora desse fenômeno de socialização, que se dá através de uma interação constante com a natureza e o ambiente ao redor. Somos capazes de humanizar o nosso entorno, realizando essas ações de forma coletiva.

Com certeza, não há como resumir em poucas palavras toda a complexidade desse extenso processo histórico, no entanto podemos salientar o que é crucial para nossa reflexão: a educação como um fenômeno social. A análise histórica revela que entender o passado é fundamental para compreender o presente e, assim, ter alicerces sólidos para edificar o futuro e contribuir com sua mudança.

Por meio de uma perspectiva científica, é viável afirmar que existiram diversas maneiras de estruturação social no decorrer do tempo, como comunidades primitivas, sociedades com escravidão, feudos, dentre outras. Em todos esses cenários, são visíveis elementos cruciais para a convivência em grupo, ou seja, os seres humanos precisam se articular, mesmo que de forma não intencional, para gerar o que é indispensável para sua subsistência, tanto no âmbito material quanto no âmbito mental ou representacional. Tal procedimento é chamado de modos de produção, contudo, por qual razão? Eis aqui uma primeira aproximação em relação a esse assunto:

Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião ou por tudo o que se queira. No entanto, eles próprios começam a se distinguir dos animais logo que começam a *produzir* seus meios de existência, e esse salto é condicionado por sua constituição corporal. Ao produzirem seus meios de existência, os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material. A forma pela qual os homens produzem seus meios de vida depende sobretudo da natureza dos meios de vida já encontrados e que eles precisam reproduzir. Não se deve, porém, considerar tal modo de produção de um único ponto de vista, ou seja, a reprodução da existência física dos indivíduos. Trata-se muito mais de uma forma determinada de atividade dos indivíduos, de uma forma determinada de manifestar sua vida, *um modo de vida* determinado (Marx e Engels, 2012, p. 44, grifos dos autores).

Com base nesses argumentos, podemos auferir que, desde tempos imemoriáveis o homem vem evoluindo pela capacidade que eles têm do domínio da natureza, por exemplo, as primeiras sociedades (primitivas) dependiam absolutamente daquilo que o meio ambiente lhes oferecia, casavam, pescavam, extraíam a mel da floresta, transformavam os galhos de uma árvore em ferramentas de defesa ou caça, assim sucessivamente, este tipo de trabalho, consumia a maior parte do tempo social, por isto, os pesquisadores afirmam que, são sociedades na qual os processos de sobrevivência torna imprescindível o agrupamento para atender essas necessidades fundamentais de vida. Esse é o primeiro princípio da

coletivização. O modo de produção¹ capitalista atual possui como característica central a valorização excessiva do consumo, levando os indivíduos a se sentirem alienados num mundo fictício, onde a busca pelo bem-estar se associa ao poder aquisitivo e de consumo. Isso resulta na criação, pela necessidade do capital, de necessidades supérfluas, irrelevantes para a vida, ainda mais, o atendimento a estas necessidades com o tempo tornam-se obsoletas produto do constante avanço tecnológico como uma condição *sine qua non* pela lógica da concorrência de mercado.

Pode-se afirmar que o problema desta sociedade não mais fundamenta-se no domínio da natureza para se produzir a abundancia, ao contrário as forças produtivas têm alcançado um desenvolvimento extraordinário, nunca visto em épocas anteriores, sem embargo ainda persistem os problemas básicos populações inteiraras são privados de suprir suas necessidades mais essenciais para a vida. Todavia, o trabalho humano criou as condições necessárias para uma vida sem restrições na esfera da subsistência, porém, a condição humana caminha em sentido contrário, uma incompatibilidade que resulta em múltiplas explicações.

A educação enquanto fenômeno social

Se realizarmos uma comparação entre os seres humanos com outras espécies de mamíferos, poderemos perceber que os primeiros são relativamente novos no planeta terra. Isto se deve porque os estudos da paleontologia, arqueologia e da antropologia social, através de estudos científicos, demonstraram que todos os seres vivos passaram por um processo de seleção natural. Foi com Charles Darwin que a ciência da biologia encontrou seu lugar na história do pensamento científico, o lugar de honra da zoologia, pois, é dessa área do pensamento humano que saiu o evolucionismo no século XIX. Em novembro de 1859, era lançada a maior obra científica da época: “A origem das espécies e a seleção natural”, nela delineava-se as perspectivas atuais sobre as origens e a evolução das espécies, não a partir de suas aparências, mais de características evoluídas partilhadas, eis por isso que um cientista afirma que:

O domínio sobre a natureza que começou com o aprimoramento da mão, com o trabalho, ampliou o campo visual do ser humano a cada novo progresso. Nos objetos da natureza ele descobria continuamente novas propriedades até ali desconhecidas. Em contrapartida, o aprimoramento do trabalho necessariamente contribuiu para estreitar os laços entre os membros da sociedade, na medida em que multiplicou os casos de apoio mútuo, de cooperação para cada indivíduo. Em suma, os humanos em formação chegaram ao ponto de terem algo a dizer uns aos outros. A necessidade criou um órgão para isso: a laringe pouco evoluída do macaco foi mudando de forma de maneira lenta, mas segura, passando da modulação para uma modulação cada vez mais desenvolvida, e os órgãos da boca apreenderam aos poucos a articular uma letra após outra. A comparação com os animais comprova que essa explicação para o surgimento da linguagem a partir e com o trabalho é a única correta (Engels, 2020, p. 341).

¹ Cabe observar que no sistema capitalista os bens sociais são produzidos para serem comercializados e não possuem a intenção de ser consumidos pelo produtor direto, a bússola que orienta e que move o comércio é a procura constante do lucro, o objetivo principal é a produção de mercadorias não para satisfazer as necessidades humanas, mais para serem vendidas (Escobar, 2024. p. 103).

Levando em conta essas afirmações, podemos concluir que apenas os seres humanos se destacam dos animais devido à sua capacidade de criar seus próprios recursos, ao modificar o ambiente natural através do trabalho. Eles geram a si mesmos, já que a riqueza da natureza não tem valor sem a contribuição dos indivíduos. Sem a intervenção humana, a terra não daria seus frutos, e o mar não forneceria seus crustáceos e peixes sem o esforço das atividades dos pescadores e pescadoras.

É crucial compreender que ao longo do tempo as pessoas vão adquirindo novas habilidades por meio de suas vivências. Elas têm criado novas maneiras de interagir com o meio ambiente, principalmente para atender às suas necessidades de forma mais eficiente. É por isso que, ao diversificarem as atividades e aprimorarem cada vez mais de uma geração para outra, novas tarefas vão surgindo. Naturalmente, todas as ações que envolvem uma maior clareza mental propiciam um desenvolvimento mais refinado dos sentidos, a capacidade de abstração constante e de discernir diante da realidade do ambiente resulta em operações cerebrais cada vez mais complexas, as quais se refletem nas atividades do cotidiano. O progresso de novas habilidades também tem trazido à sociedade um benefício compartilhado que não para a necessidade de aprendizado contínuo e novos.

Na realidade o objetivo da atividade humana é transformar a natureza e possibilitar produzir benefícios que atendam às necessidades dos grupos sociais, ou seja, torna-se importante porque, independente dos indivíduos, estes precisam continuamente produzir a sua existência, para isso precisam produzir-se no coletivo, enquanto ser coletivo. Assim, a própria experiência de vida é um aprendizado que permite viver em comunidade sobretudo, é através do aprendizado que se torna possível compartilhar as experiências socialmente vivenciadas no trabalho cotidiano.

O que se chama desenvolvimento histórico não é outra coisa senão o processo através do qual o homem produz a sua existência no tempo. Agindo sobre a natureza, ou seja, trabalhando, o homem vai construindo o mundo histórico, vai construindo o mundo da cultura, o mundo humano. E a educação tem suas origens nesse processo. No princípio, o homem agia sobre a natureza coletivamente e a educação coincide com o próprio ato de agir e existir (Saviani, 2013: 81).

Com base nessa passagem, torna-se impossível desconhecer o papel fundamental que a educação tem na sociedade, a educação não se restringe aos espaços escolares, ela está em todas as esferas que constituem a sociabilidade humana, o próprio ato de trabalho é uma experiência prática que endossa um aprendizado prolongado e sistemático, não é uma ação espontânea, pelo contrário há um propósito implícito nas atividades que os indivíduos realizam no seu cotidiano. Se a educação não fosse dotada de identidade própria resultaria impossível a sua socialização. Por conta disso, todas as atividades humanas se objetivam em função desse cometimento é possível a transformação das coisas que movem o atendimento a todas as necessidades da vida. Ao recordar nossa imaginação histórica e de um ponto de vista mais amplo, podemos observar, sem temor ao equívoco que, a própria experiência da vida ocupa um papel importante de aprendizado que, em última instância, os próprios membros de uma comunidade

desempenham um papel de educadores e educadoras. É exatamente por essa razão que, um pesquisador na área abordada faz a seguinte afirmação:

O homem executa, transmitindo a outrem os resultados de sua experiência. Nesse sentido, a educação é a mediadora entre o gesto cultural propriamente dito e a sua continuidade. Assim, na medida em que se transforma, pelo desafio que aceita e que lhe vem do meio para o qual volta sua ação, o homem se educa. E, na medida em que comunica os resultados de sua experiência, ele ajuda os outros homens a se educarem, tornando-se solidário com eles (Romanelli, 1987: 23).

Efetivamente, a educação é uma característica própria dos seres humanos na sua sociabilidade, os indivíduos estabelecem relações sociais, mesmo eles querendo ou não. Eles devem responder no seu cotidiano à sociedade, assim a construção da realidade social é coletiva e nunca será subjetiva, embora se apresente nessa condição essencial, por isso, a importância de se repensar a esfera de aprendizagem, pois, exige que, no mínimo se tenha conhecimento sobre ela.

Em nossa sociedade, há uma contradição, pois, ao mesmo tempo que se coloca a educação como uma forma imprescindível para o desenvolvimento social, vemos os esforços contínuos da desvalorização dos profissionais que atuam nos diversos graus de ensino, isto a nível global, portanto os poderes constituídos possuem um discurso fictício da valorização de esta esfera social, porém, há uma lógica que está relacionada às necessidades do capital, tornar o Estado uma área “racional” das necessidades do mercado. Aqui opera uma lógica que visa a naturalizar as desigualdades sociais, do mesmo modo que se procura ocultar as diferenças entre as classes sociais, pois, as classes produtivas têm clareza da importância e vitalidade dos processos pedagógicos. Uma observação importante se faz presente:

É a esse processo educativo que a burguesia e seu Estado reagem, tentam negá-lo, desarticulá-lo, confundir-lo. As formas são as mais variadas, como a negação de uma base material para uma vida humana, o excesso de trabalho extenuante, as péssimas condições materiais de existência, a negação de tempos e espaços culturais e educativos, a separação entre trabalho manual e trabalho intelectual, a negação do direito a pensar, a articular-se e expressar suas concepções sobre o real e sobre as formas de transformá-lo, a tutela do Estado, de seus gestores, intelectuais e educadores sempre dispensando o povo de pensar porque eles pensam, decidem e falam em nome do povo tutelado e infantilizado (Arroyo, 2012: 109).

Considerando essas observações podemos auferir que, o poder dominante² constituído navega num sentido contrário aos interesses da maioria da população, embora seja construído um discurso (ideológico) que apresente um interesse em situar as esferas educativas como uma preocupação prioritária da institucionalidade, o autor, situa esta situação como sendo contrária à sociedade. Compreendida a natureza da educação, podemos ver que a citação expressa uma realidade que se materializa no cotidiano da coletividade, logo, isenta qualquer tipo de camuflagem ou tergiversações ideológicas. Para tanto, a função do ato educativo é exatamente a socialização do saber no interior dos espaços escolares na qual expressa a ideologia das classes dominantes, porém, nunca devemos pensar que esta realidade é

² “O Estado deveria proporcionar a solução para os problemas que obscurecem nosso horizonte, mas não consegue fazê-lo. Pelo contrário, tentativas de medidas corretivas de Estado – desde intervenções militares perigosas para enfrentar o colapso financeiro graves em uma escala monumental, incluindo as operações de resgate do capitalismo privado realizado pela sempre crescente dívida pública da ordem de trilhões de dólares – parecem agravar os problemas, apesar das várias garantias em contrário” (Mészáros, 2015, p. 15).

monolítica, pois, pelas próprias contradições, surgem espaços de resistência e superação desta situação social. Eis a observação a seguir:

Até favorece que as classes sociais subalternas formulem para si a estratégia que Gramsci denomina “guerra de posições”, para se contrapor à hegemonia das classes dominantes, através da construção de uma nova hegemonia política e cultural, para a qual os intelectuais orgânicos atuariam na formulação e na difusão de uma ideologia portadora de uma nova concepção da sociedade (Piletti, 2012: 140).

Por conseguinte, as circunstâncias reais e objetivas nas quais se desenvolvem nos processos educativos estão inseridos numa esfera de constantes tensões e conflitos, pois, a não neutralidade libera elementos que são essências e que revelam a necessidade de mudanças ou transformações que a maioria da sociedade evidencia e quer. Claro, torna-se essencial a formação pedagógica tanto dos acadêmicos como dos próprios docentes, para que tenham uma formação adequada à conexão entre os saberes (aprendizagem) e a vida social. Certamente, isto requer uma prática social elevada e um desenvolvimento cultural significativo. As transformações não ocorrem de forma espontânea nem muito menos irrefletido, emergem das relações sociais que definem o modo de produção atual, portanto necessárias, elas são inevitáveis, por razões análogas, há uma tendência majoritária por equalizar as relações que levam à desigualdade social, econômica, cultural, entre outras. Devemos lembrar que neste processo ocorre uma observação essencial, pois:

O nível de desenvolvimento das forças produtivas e das relações sociais sempre determinou o máximo de consciência possível dos povos, seus valores normativos, éticos, estéticos e políticos, em cada momento da História. Em outras palavras, são os limites objetivos, tanto econômicos e sociais quanto políticos e culturais, da evolução histórica que determinam os limites do conhecimento humano, em cada época de sua evolução (Moniz, 2023: 59).

Em última análise, devemos dizer, sem medo de errar, que esta afirmação configura uma apreciação exata da realidade social, geralmente, a literatura burguesa procura utilizar todos os esforços possíveis por tornar essa afirmação seu contrário, levando a pensar que basta um bom pensamento para que as mudanças ocorram, ou, em muitos casos, se procuram naturalizar as relações humanas, o mundo é assim porque deve ser assim. Portanto, essa passagem nos permite entrar na área científica para orientarmos numa realidade em constante mudança.

O MULTILATERALISMO: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Em termos históricos, foi ao finalizar a segunda guerra mundial que os países que derrotaram as ofensivas fascistas e nazistas, sob a liderança dos Estados Unidos e as comunidades europeias que organizaram uma estrutura jurídico-institucional de âmbito global, com o objetivo de disciplinar as relações econômicas entre os Estados constituídos. Entretanto, o multilateralismo logo evoluiu para algo mais densamente político, pois, os países dominantes exerceram uma influência poderosa em relação aos países que discordassem das diretrizes que organizavam estas potências econômica, políticas e sociais.

O verdadeiro ponto de inflexão, foi a deposição de presidentes legitimamente constituídos através de golpes militares ou diplomáticos. Sobretudo, os países denominados emergentes, sofreram serias consequências de desestabilização por parte destas potências estrangeiras. Portanto, este velho multilateralismo sempre teve uma orientação de favorecer a lógica do capital³. O multilateralismo se associa ao sistema das Nações Unidas projetando uma tutela em quatro eixos principais: telecomunicações, aviação civil, agricultura e segurança alimentar. Com o fim da guerra fria, se acelerou as contradições a respeito da ordem mundial e de seus eixos de poder, pois, novas forças econômicas emergiram colocando em xeque o velho multilateralismo. Todavia, a partir do momento que as economias dominantes de ocidente e europeias vão entrando em franco declínio, principalmente, ao longo dos últimos 25 anos, fizeram com que o comportamento econômico do multilateralismo inicialmente ofertada pelas denominadas “superpotências” passasse a ser mais discutida e amplamente criticada pelas economias emergentes. Por conta disso, a conformação moderna da ordem econômica liberal e da política internacional trouxe realidades muito problemáticas aos países envolvidos, por consequência, buscou-se novas alternativas, novas formulas que atualizassem soluções reais aos problemas enfrentados neste novo cenário social. China, Rússia, Brasil, Índia e África do Sul (BRICS), inauguraram uma nova era nas relações diplomáticas, econômicas e políticas a um patamar que cada vez mais se distancia do velho multilateralismo da economia capitalista ocidental e europeu.

A cooperação multilateral é essencial para a organização das relações entre os países em nível global, garantindo a participação de todos e sendo crucial para nações menos influentes internacionalmente. Se enfraquecido, isso acarretaria em um grande retrocesso para a sociedade, uma vez que foi estabelecido como método após a Segunda Guerra Mundial e obteve sucesso em suas metas até certo ponto. Em um cenário como esse, um sistema internacional incapaz de preservar as conquistas essenciais da cooperação multilateral corre riscos de retornar a práticas unilaterais não respaldadas legalmente no âmbito internacional, fundamentadas na dominação militar, econômica ou tecnológica. Em um mundo em que as relações econômicas se fundamentam em uma intrincada teia de interdependência entre os países, esse retrocesso terá efeitos negativos na promoção da colaboração em todas as esferas da sociabilidade, afetando de forma particularmente prejudicial as nações que não detêm supremacia em termos tecnológicos, econômicos, sociais ou militares.

Em 24 de abril, foi celebrado o Dia Internacional do Multilateralismo, uma data estabelecida de forma oficial pela Assembleia Geral da ONU, contudo, na prática, o multilateralismo está tomado um direcionamento distinto com nações não ocidentais, que priorizam valores alinhados a uma perspectiva socialista ao invés de capitalista. Existe um consenso entre os países membros dos blocos econômicos em relação às potências econômicas do Ocidente, quanto à necessidade de abandonar a antiga divisão

³ “A imensa expansão especulativa do aventureirismo financeiro – sobretudo nas últimas três décadas – é naturalmente inseparável do aprofundamento da crise dos ramos produtivos da indústria, assim como das resultantes perturbações que surgem com a absoluta letargia acumulação de capital (na verdade, acumulação fracassada) no campo produtivo da atividade econômica. Agora, inevitavelmente, também no domínio da produção industrial a crise está ficando muito pior” (Mészáros, 2011, p. 25, grifos do autor).

hierárquica das esferas de influência econômica, promover a cooperação econômica, social, cultural e política de forma solidária, e busca o desenvolvimento de maneira inclusiva e respeitosa, entre outros objetivos. O mundo multipolar já é uma realidade que se está consolidando de uma forma irreversível à revelia das economias dominantes de Ocidente e do continente europeu: seu exame será o assunto do artigo que segue.

CONCLUSÕES PROVISÓRIAS

Seguindo os rumos da história, as transformações são inevitáveis e as gerações atuais e futuras são os principais protagonistas, enquanto indivíduos inseridos na sociedade, possuem o poder de moldar o que está por vir. As tendências apontam para uma sociedade mais inclusiva e culturalmente diversificada, voltada para os interesses coletivos e colaborativos, não apenas de forma simbólica, mas também de maneira prática, buscando estabelecer relações sociais que estejam conectadas com a realidade predominante, visando atender às necessidades e encontrar soluções para os problemas em conjunto e se empenhando na construção de democracias mais robustas do que as atuais.

Adicionalmente, seria um erro considerar o multilateralismo como um processo tranquilo e harmonioso que reúne um consenso do grupo dominante, visto que vivemos em uma sociedade estruturada com base em interesses de classes totalmente distintos. Não podemos ignorar os ensinamentos da história, é fundamental absorver toda essa bagagem de evolução e reconhecer que todas as mudanças que o passado nos legou foram conquistadas por meio de luta, esforço para superar o antigo e, principalmente, cuidado na construção de um mundo melhor que o atual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arroyo, M. O direito do trabalhador à educação. In: Trabalho e Conhecimento. Carlos Minayo Gomes... [et al.]. 6ª edição. Editora: Cortez, São Paulo, 2012.
- Engels, F. A dialética da Natureza. Tradução: Nélio Schneider. 1ª edição. São Paulo. Editora: Boitempo, 2020.
- Escobar, O. E. N. Ensaio sobre o processo da colonização e da educação. 1ª edição. Editora: Appris. Curitiba, 2024.
- Marx K; Engels F. A Ideologia Alemã. Tradução: Frank Muller. 5ª edição. Editora: Martin Claret Ltda. São Paulo, 2012.
- Mészáros, I. A crise estrutural do capital. Tradução: Francisco Raul Cornejo... [et al.]. 2ª edição. Editora: Boitempo, São Paulo, 2011.
- Mészáros, I. A montanha que devemos conquistar: reflexões acerca do Estado. Tradução: Maria Izabel Lagoa. 1ª edição. Editora: Boitempo, São Paulo, 2015.

- Mészáros, I. O Desafio e o Fardo do Tempo Histórico. Tradução: Ana Cotrim, Vera Cotrim. Editora: Boitempo, São Paulo, 2007.
- Moniz, B., Luiz Alberto. Fórmula para o caos: a derrubada de Salvador Allende. 2ª edição. Editora: Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2023.
- Piletti, C. História da educação: de Confúcio a Paulo Freire. Editora: Contexto. São Paulo, 2012.
- Romanelli, O de O. História da Educação no Brasil. 9ª edição. Editora: Vozes, Petrópolis, 1987. São Paulo, 2020.
- Savian, D. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 11ª ed. Editora: Autores Associados, Campina, 2013.

Índice Remissivo

A

administração de empresas, 49, 50, 65
Amazonas, 4, 67, 68, 72, 75, 76, 77, 78, 79

C

competências, 4, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55,
56, 58, 64, 65, 66, 70
Covid-19, 6

D

digital technology, 20, 21, 29

E

EaD, 4, 6, 7, 8, 10
Educação, 11, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 79
Educação Física, 4, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 42, 45
Estudos Baseados na Prática, 49, 51

F

formação, 67, 68, 70

H

history of mathematics, 20, 21, 23, 24, 26, 28,
29, 32

I

indicador, 68, 74, 75, 76, 77
inteligência artificial, 4, 7, 8, 9

M

matemática, 4, 30, 31, 34, 35, 39, 40, 41, 45, 46,
48, 51, 54
meta, 67, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78
multilateralismo, 4, 11, 16, 17, 18

P

PNE, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 77, 78
projeto pedagógico, 36, 48, 50, 51, 52, 55, 56,
59, 64

S

sociabilidade, 12, 14, 15, 17
sociedade, 11

T

teoria/prática, 34, 40

Sobre os organizadores



  **Lucas Rodrigues Oliveira**

Mestre em Educação pela UEMS, Especialista em Literatura Brasileira. Graduado em Letras - Habilitação Português/Inglês pela UEMS. Atuou nos projetos de pesquisa: Imagens indígenas pelo “outro” na música brasileira, Ficção e História em Avante, soldados: para trás, e ENEM, Livro Didático e Legislação Educacional: A Questão da Literatura. Diretor das Escolas Municipais do Campo (2017-2018). Coordenador pedagógico do Projeto Música e Arte (2019). Atualmente é professor de Língua Portuguesa no município de Chapadão do Sul e na Secretaria de Educação Estadual de MS. Contato: lucasrodrigues_oliveira@hotmail.com.



 **Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo**

Pedagoga, graduada em Pedagogia (2020) na Faculdades Integradas de Cassilândia (FIC). Estudante de Especialização em Alfabetização e Letramento na Universidade Cathedral (UniCathedral). É editora Técnico-Científico da Pantanal Editora. Contato: rlustosa@hotmail.com.br



  **Bruno Rodrigues de Oliveira**

Graduado em Matemática pela UEMS/Cassilândia (2008). Mestrado (2015) e Doutorado (2020) em Engenharia Elétrica pela UNESP/Ilha Solteira. Pós-doutorado pela UFMS/Chapadão do Sul na área de Inteligência Artificial aplicada na Engenharia Florestar/Agrônômica. É editor na Pantanal Editora e Analista no Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul. Tem experiência nos temas: Matemática, Processamento de Sinais via Transformada Wavelet, Análise Hierárquica de Processos, Teoria de Aprendizagem de Máquina e Inteligência Artificial, com ênfase em aplicações nas áreas de Engenharia Biomédica, Ciências Agrárias e Organizações Públicas. Contato: bruno@editorapantanal.com.br



Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil
Telefone (66) 9608-6133 (Whatsapp)
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br